

Com a palavra Dona Antônia: saberes tradicionais, resistência e letramentos de reexistência na Comunidade Quilombola Bela Vista Piató

Antônia Dária do Nascimento,

*¹Professora do Complexo Educacional Santo André, Assú/RN,
Brasil (nascimentodaria09@gmail.com)*

Débora Daiane da Silva

*²Professora do Complexo Educacional Santo André, Assú/RN,
Brasil (deborabey@hotmail.com)*

Márcio Cristiano da Silva

*³Professor da Escola Municipal Dinarte Mariz, Mossoró/RN, Brasil
(marciosilva1700@hotmail.com)*

Manoel Messias Lemos da Silva

*⁴Professor do Complexo Educacional Santo André, Ipangaçu/RN,
Brasil (manuelmesyas2@gmail.com)*

Pedro Valero de Melo Neto

*⁵Professor do Complexo Educacional Santo André, Itajá/RN, Brasil
(Pedronetomelo1@gmail.com)*

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os saberes tradicionais, a resistência e os letramentos de reexistência presentes na trajetória de Dona Antônia, educadora comunitária da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató, localizada no município de Assú/RN. Fundamentado em uma abordagem qualitativa, o estudo utilizou a roda de conversa como principal dispositivo metodológico, articulada à observação, à escuta sensível e à pesquisa bibliográfica, compreendendo a narrativa oral como espaço de produção de conhecimentos, memória e fortalecimento identitário (Costa; Oliveira; Farias, 2021). A análise das narrativas evidencia que as práticas educativas desenvolvidas por Dona Antônia, durante aproximadamente trinta anos de atuação na alfabetização de crianças da comunidade, extrapolam a dimensão da escolarização formal, configurando-se como práticas de resistência, valorização da ancestralidade e preservação dos saberes tradicionais. Ao alfabetizar a partir das experiências cotidianas, da oralidade e dos elementos culturais presentes no território quilombola, a educadora desenvolveu práticas que dialogam com os letramentos de reexistência (Souza, 2016), reafirmando que a leitura da palavra está intrinsecamente relacionada à leitura do mundo (Freire, 2011). O estudo dialoga com as contribuições de Freire (2011), Bispo dos Santos (2023), Souza (2016), Krenak (2019), Manoel de Barros (1993), Mia Couto (1992), Pimenta (2005), Alves, Ferraço e Gomes (2019), Carril (2017) e Costa, Oliveira e Farias (2021), defendendo que os conhecimentos produzidos nos territórios quilombolas constituem patrimônios educativos

fundamentais para a construção de uma educação antirracista, decolonial e socialmente comprometida. Conclui-se que reconhecer a trajetória de Dona Antônia como professora da educação informal quilombola significa ampliar as concepções de docência, de produção do conhecimento, de formação humana e docente, construção de identidades e reafirmação da encestralidade. Constitui-se também atos resistência e reexistência da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató.

Palavras-chave: Educação Quilombola; Saberes Tradicionais; Letramentos de Resistência; Oralidade.

INTRODUÇÃO

“É preciso desformar o mundo” (Barros, 1993, p. 11).

O convite feito por Manoel de Barros para "desformar o mundo" constitui, neste trabalho, muito mais que uma metáfora poética: representa um chamado para romper com concepções únicas de conhecimento e reconhecer outras formas de produzir, compartilhar e preservar saberes. Desformar o mundo significa deslocar o olhar para experiências historicamente invisibilizadas, reconhecendo que existem pedagogias afrocentradas construídas nos territórios, nas memórias, nas oralidades e nas práticas cotidianas de comunidades que, durante séculos, resistiram aos processos de apagamento cultural.

É nesses mergulhos decoloniais que a trajetória de Dona Antônia, educadora comunitária da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató, situada no município de Assú, no estado do Rio Grande do Norte. Durante aproximadamente trinta anos, alfabetizou crianças e jovens da comunidade utilizando recursos simples, como cartilhas, cadernos de caligrafia e ditados, mas, sobretudo, mobilizando os conhecimentos produzidos *nos/dos* cotidianos da própria comunidade.

Sua prática educativa, construída muito antes das atuais discussões sobre educação contextualizada, letramentos ou pedagogias decoloniais, evidencia que ensinar sempre foi, também, um exercício de leitura do território, da cultura e das relações comunitárias.

Ao utilizar palavras retiradas da feira local, dos alimentos cultivados, das experiências de trabalho e da vida cotidiana como instrumentos de alfabetização, Dona Antônia aproximava o processo de ensino da realidade de seus estudantes. Essa prática revela que a aprendizagem não se limitava à decodificação da escrita, mas constituía uma forma de compreender o mundo vivido, aproximando-se do pensamento de Paulo Freire ao afirmar que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1998, p. 87). A alfabetização, nesse contexto, tornava-se experiência coletiva, cultural e profundamente enraizada na vida comunitária.

Pensar a experiência de Dona Antônia implica reconhecer que os territórios quilombolas são espaços de produção de conhecimentos, de memória e de resistência. Conforme destacam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012), a educação desenvolvida nesses territórios deve reconhecer e valorizar as especificidades históricas, culturais, políticas e sociais das comunidades quilombolas, rompendo com práticas homogeneizadoras que desconsideram seus modos próprios de existir e aprender.

Nesse sentido, compreender os saberes produzidos na Comunidade Quilombola Bela Vista Piató significa reconhecer que a educação acontece para além dos muros da escola. Ela se manifesta na oralidade, nas narrativas, nas relações familiares, nas práticas de trabalho, nas manifestações culturais e nas experiências compartilhadas entre gerações. Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Antônio Bispo dos Santos quando afirma:

Quando nós falamos tagarelando
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinando
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados (Bispo, 2020, p. 42).

A experiência de Dona Antônia dialoga diretamente com aquilo que Ana Lúcia Silva Souza denomina de letramentos de reexistência. Segundo a autora, tais letramentos emergem das experiências sociais de grupos historicamente marginalizados e constituem práticas que articulam linguagem, identidade, cultura e resistência, valorizando os modos próprios de produzir sentidos e conhecimentos (Souza, 2016).

Nessa perspectiva, para essa discussão elencamos os seguintes objetivos de pesquisa: *i compreender* como os saberes tradicionais orientaram as práticas de alfabetização desenvolvidas por Dona Antônia na comunidade quilombola; *ii analisar* as narrativas produzidas na roda de conversa, identificando elementos de memória, ancestralidade, identidade e resistência presentes em sua trajetória; *iii discutir* as práticas educativas da educadora à luz dos letramentos de reexistência, evidenciando suas contribuições para uma educação antirracista, decolonial e socialmente comprometida.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, desenvolvida na Comunidade Quilombola Bela Vista Piató, localizada no município de Assú, Rio Grande do Norte. A investigação parte da compreensão de que os saberes produzidos *nos/dos* cotidianos das comunidades tradicionais constituem importantes fontes de conhecimento, memória e resistência, sendo indispensável a valorização das narrativas daqueles que historicamente tiveram suas vozes silenciadas.

A opção pela abordagem qualitativa fundamenta-se na necessidade de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, reconhecendo que os processos educativos ultrapassam os limites da escola e se constroem nas relações sociais, culturais e afetivas vivenciadas no território quilombola. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender os sentidos produzidos pela trajetória educativa de Dona Antônia, educadora comunitária

que, durante aproximadamente três décadas, alfabetizou crianças da comunidade.

Neste artigo, optou-se por manter o tratamento “Dona” ao se referir à participante da pesquisa, por compreender que essa forma de nomeação expressa respeito, reconhecimento e a posição que ela ocupa na comunidade quilombola Bela Vista Piató. Essa escolha busca preservar a forma como a participante é socialmente identificada em seu contexto sociocultural, valorizando sua trajetória, seus saberes e sua autoridade como guardiã das memórias e tradições da comunidade.

Como principal dispositivo metodológico, adotou-se a roda de conversa, compreendida como um espaço de encontro, escuta, diálogo e produção coletiva de conhecimentos. Diferentemente da entrevista tradicional, estruturada a partir de perguntas previamente definidas, a roda de conversa possibilita que a palavra circule livremente, permitindo que lembranças, afetos e experiências emergjam de forma espontânea, respeitando o tempo, a sensibilidade e a singularidade dos sujeitos. Conforme afirmam Costa, Oliveira e Farias (2021, p. 222),

O ato de conversar é comum, faz parte da vida das pessoas; não é algo rígido, mas fluido e aberto ao acaso. Pensando nessa ação espontânea, pesquisar por meio da conversação conduz à desconstrução e reconstrução da própria investigação, em que a busca por respostas não é o mais importante.

O diálogo estabelecido com Dona Antônia permitiu que suas memórias fossem reconstruídas a partir da oralidade, revelando experiências educativas que dificilmente emergiriam em procedimentos excessivamente estruturados.

Foram utilizados como procedimentos metodológicos a observação, a escuta sensível, o registro das narrativas produzidas durante a roda de conversa e a pesquisa bibliográfica, tomando como referência autores que discutem educação popular, educação quilombola, letramentos de reexistência, formação docente, oralidade, memória e pesquisas com os cotidianos.

A escuta, neste estudo, ultrapassa a condição de técnica investigativa. Ela constitui uma postura ética diante do outro. Ouvir Dona Antônia significou

reconhecer sua trajetória como patrimônio educativo da comunidade, valorizando sua experiência não apenas como objeto de pesquisa, mas como produção legítima de conhecimento.

Nessa perspectiva, Alves, Ferraço e Gomes (2019) defendem que os cotidianos são espaçostempos de resistência e criação, nos quais diferentes sujeitos constroem conhecimentos, recriam práticas e produzem novas possibilidades de existência. Pesquisar com os cotidianos exige abandonar posições hierárquicas entre pesquisador e participante, reconhecendo que ambos constroem conhecimentos durante o processo investigativo.

A interpretação das narrativas ocorreu de maneira dialógica, articulando o relato de Dona Antônia aos referenciais teóricos selecionados, buscando compreender como suas práticas educativas expressam formas de resistência cultural, fortalecimento identitário e produção de letramentos de reexistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Com a palavra Dona Antônia: alfabetizar como ato de resistência

A provocação de Manoel de Barros no início do percurso desse trabalho parece anunciar o percurso construído por Dona Antônia ao longo de sua trajetória como educadora comunitária. Muito antes de os debates sobre educação contextualizada, pedagogias decoloniais ou letramentos ocuparem espaço nas universidades brasileiras, ela já produzia uma prática educativa profundamente vinculada ao território, às vivências comunitárias e aos saberes tradicionais.

Durante a roda de conversa, ao rememorar sua história, Dona Antônia afirmou: “Desde mocinha comecei a dar aulas porque sempre gostei de ensinar quem não sabia ler e nem escrever. Eles eram chamados de “burros” na escola porque não aprendiam, e os pais me procuravam para eu ensinar”

O primeiro aspecto que pontuamos dessa narrativa é o compromisso social assumido pela educadora diante de uma realidade marcada pela exclusão

escolar. Sua prática nasce da necessidade da própria comunidade e não de uma política pública institucionalizada. Trata-se de uma educação construída coletivamente, sustentada pela confiança das famílias e pelo reconhecimento social de seu trabalho.

Ao acolher crianças que eram estigmatizadas como “incapazes”, Dona Antônia rompe com discursos historicamente excludentes. Sua atuação revela aquilo que Paulo Freire (2011) compreende como uma educação comprometida com a dignidade humana, fundada na crença de que todos os sujeitos possuem capacidade de aprender quando lhes são garantidas condições de respeito, diálogo e reconhecimento.

a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma. (Gomes, 2005, p.44).

Outro aspecto significativo refere-se às estratégias utilizadas em seu processo de alfabetização. Ao narrar sua prática pedagógica, Dona Antônia explica:

Eu usava as cartilhas de alfabetização e também os cadernos de caligrafia. Aqui na comunidade tinha uma feira famosa. Eu pegava as comidas que eles mais gostavam de comprar, farinha, arroz, feijão, carne, verduras, mel, algodão... e mandava eles fazerem ditados com essas palavras.

Essa passagem evidencia uma prática pedagógica profundamente contextualizada. As palavras utilizadas nos exercícios não eram escolhidas aleatoriamente; elas eram da vida cotidiana da comunidade, das experiências familiares, da economia local e da cultura alimentar do território.

Hoje, essa prática pode ser compreendida à luz dos estudos sobre letramentos, que defendem que aprender a ler e escrever significa participar de práticas sociais concretas de uso da linguagem (Soares, 2001; Kleiman; Delta, 2007). Entretanto, muito antes dessas formulações teóricas, Dona Antônia já desenvolvia um processo educativo em que a alfabetização fazia sentido porque dialogava diretamente com a vida dos estudantes quilombolas.

Nesse aspecto, sua experiência aproxima-se daquilo que Ana Lúcia Silva Souza (2016) denomina letramentos de reexistência. Segundo a autora, essas práticas valorizam as identidades dos sujeitos, suas formas próprias de linguagem, seus pertencimentos culturais e seus modos de produzir conhecimento. Não se trata apenas de ensinar códigos escritos, conhecimentos desconhecidos pelos territórios quilombolas, mas de fortalecer formas de existir historicamente construídas por populações marginalizadas.

3.2 Os saberes tradicionais como patrimônio educativo da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató

Ao narrar sua trajetória como educadora comunitária, Dona Antônia não apenas recorda acontecimentos do passado; ela reinscreve na memória coletiva uma história de resistência que atravessa gerações. Sua fala constitui um patrimônio imaterial da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató, pois revela modos de ensinar, aprender e viver que foram sendo tecidos nas relações cotidianas entre famílias, crianças e território. Cada lembrança compartilhada durante a roda de conversa evidencia que a educação, naquele contexto, nunca esteve restrita ao espaço escolar, mas fazia parte das práticas sociais, culturais e comunitárias que sustentam a vida quilombola.

Para Carril (2017), pensar a educação quilombola significa compreender que o território não representa apenas um espaço geográfico, mas um lugar de produção de identidades, de memórias e de conhecimentos. É nele que se constroem as referências culturais, os vínculos de pertencimento e as formas de resistência que asseguram a continuidade histórica dessas comunidades.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (Gomes, 2005, p.43).

Sua narrativa demonstra que ensinar era também ensinar a reconhecer o lugar onde se vive, os alimentos produzidos, os modos de trabalho, as relações de

solidariedade e as histórias compartilhadas entre gerações. E na escola, como aponta Gomes 2005, existe essa urgência de acolher aqueles que fogem a margem dos conhecimentos eurocêntricos, prontos e estáticos. Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Antônio Bispo dos Santos, ao afirmar: “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio; ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios” (Bispo, 2023, p. 77).

A metáfora da confluência permite compreender que os saberes tradicionais não se opõem ao conhecimento escolar; eles dialogam, se encontram e se fortalecem mutuamente. Dona Antônia utilizava cartilhas e cadernos de caligrafia, recursos característicos da educação formal de sua época, mas os articulava às experiências do território quilombola, produzindo uma prática educativa singular. Sua pedagogia nasce justamente dessa confluência entre diferentes formas de conhecimento, demonstrando que a escola pode aprender com a comunidade tanto quanto a comunidade aprender com a escola.

3.3 Dona Antônia e a pedagogia da resistência: contribuições para a formação docente e para a Educação Escolar Quilombola

Dona Antônia é uma guardiã da memória coletiva, mediadora de saberes e protagonista de uma pedagogia construída na resistência cotidiana. Sua voz rompe o silêncio historicamente imposto às comunidades negras rurais e reafirma que existem outras formas de ensinar, aprender e produzir conhecimento. Ao rememorar sua trajetória, Dona Antônia afirma: “Todos que passavam pelas minhas aulas aprenderam a ler bem e a escrever bem. Eu sempre digo que a gente tem que ter pulso firme para ensinar, mesmo que seja com amor, mas eles têm que ter respeito por nós”.

Figura 1: Dona Antônia



Fonte: Elaboração dos autores, 2026.

Sua prática revela uma educadora profundamente envolvida com o desenvolvimento de seus estudantes. Antes de ensinar letras e palavras, ela estabelecia vínculos com as famílias, conhecia a realidade de cada criança e construía estratégias de ensino fundamentadas nas experiências do território. Trata-se de uma pedagogia produzida no cotidiano, alimentada pela convivência e pelo pertencimento comunitário. Nesse sentido, sua trajetória aproxima-se da compreensão de Selma Garrido Pimenta (2005, p. 23), ao afirmar que: “A formação de professores não se esgota no momento em que o professor termina o curso de formação inicial. Ela se processa ao longo da vida profissional do docente, através da formação continuada”

Essa reflexão convida a repensar os processos contemporâneos de formação de professores. Em muitos casos, os cursos de licenciatura ainda privilegiam conhecimentos produzidos exclusivamente pela academia, desconsiderando os saberes existentes nas comunidades tradicionais. A experiência de Dona Antônia evidencia que formar professores também significa aprender a ouvir o território,

reconhecer a diversidade dos sujeitos e compreender que diferentes epistemologias podem coexistir na construção do conhecimento.

Ao utilizar elementos da feira local, das práticas agrícolas e das vivências cotidianas como recursos didáticos, Dona Antônia desenvolvia aquilo que hoje poderia ser compreendido como um currículo vivo, profundamente conectado às experiências dos estudantes. Seu trabalho demonstra que ensinar também é reconhecer o território como espaço educativo assim:

Docentes num sentido mais amplo, e em cursos de formação de professores devem buscar desenvolver junto às(aos) orientandas(os) práticas educacionais e de produção de conhecimento antirracistas que abordem e exponham as questões étnico-raciais na sociedade brasileira e ainda, promover a discussão na educação de estratégias de enfrentamento dos problemas gerados pelo racismo e as iniquidades acarretadas por este (Sotero et al., 2021, p. 1317).

É justamente isso que a prática de Dona Antônia revela. Sua pedagogia não separava escola e comunidade. Ao contrário, fazia do cotidiano quilombola o principal recurso para ensinar, demonstrando que a aprendizagem acontece quando os conhecimentos escolares dialogam com a vida concreta dos estudantes.

Essa compreensão também aproxima sua experiência das reflexões de Abdias do Nascimento (1980), para quem o quilombismo representa muito mais do que uma forma histórica de resistência; constitui um projeto político, cultural e educativo fundamentado na solidariedade, na coletividade e na valorização da identidade negra. Ainda que Dona Antônia não utilizasse esse conceito, sua atuação materializa muitos de seus princípios, ao colocar a educação a serviço da comunidade e da preservação de sua história.

Por essa razão, sua narrativa ultrapassa a dimensão individual e assume caráter coletivo. Dona Antônia representa inúmeras mulheres negras que, ao longo da história brasileira, ensinaram, cuidaram, alfabetizaram e preservaram conhecimentos sem que seus nomes fossem registrados nos livros de História da Educação. Reconhecer sua trajetória significa ampliar o próprio conceito de

intelectualidade, compreendendo que produzir conhecimento não é privilégio da universidade.

Compreendemos que os caminhos para construção do antirracismo passam também pela produção de conhecimento pautada no resgate da memória e da história das lutas de pessoas negras. A partir do conhecimento produzido pelo movimento de mulheres negras brasileiras, práticas políticas e conceitos forjados no seio da mobilização, é possível esboçar mais elementos para compreensão das pedagogias negras. (Sotero et al., 2021, p. 1317).

CONCLUSÃO

“A bússola dos outros não serve, o mapa dos outros não ajuda. Necessitamos de inventar os nossos próprios pontos cardeais” (Mia Couto 1992, p. 17.).

Ao longo deste estudo, buscou-se compreender a trajetória de Dona Antônia como expressão dos saberes tradicionais, da resistência e dos letramentos de reexistência presentes na Comunidade Quilombola Bela Vista Piató, em Assú/RN. Sua narrativa revelou que a educação produzida no território quilombola ultrapassa os limites da escolarização formal e constitui um processo coletivo de construção de conhecimentos, fortalecimento da identidade e preservação da memória ancestral.

Mais do que recordar práticas de alfabetização desenvolvidas ao longo de três décadas, ouvir Dona Antônia significou reconhecer a potência dos saberes produzidos por mulheres negras quilombolas. As rodas de conversa mostraram-se fundamentais para que essas memórias fossem compartilhadas de forma tão singular. Ao privilegiar a escuta sensível, o diálogo e a construção compartilhada de sentidos, a pesquisa rompeu com modelos investigativos marcados pela rigidez metodológica e permitiu que a palavra circulasse como espaço de encontro, afeto e produção de conhecimento.

Nesse percurso, compreendeu-se que pesquisar com a comunidade, e não apenas sobre a comunidade, constitui uma escolha ética, política e epistemológica comprometida com a valorização dos sujeitos e de suas histórias.

As narrativas de Dona Antônia demonstram que muitos dos princípios hoje defendidos pela Educação Escolar Quilombola, pela Educação Popular e pelas discussões sobre letramentos já estavam presentes em suas práticas pedagógicas. Ao alfabetizar utilizando palavras da feira, dos alimentos cultivados, das experiências de trabalho e da vida comunitária, ela fazia do território o seu principal recurso didático, promovendo uma aprendizagem contextualizada e profundamente vinculada à realidade dos estudantes.

Dessa forma, sua prática confirma que os conhecimentos produzidos *dos/nos* cotidianos das comunidades tradicionais constituem importantes patrimônios educativos e desafiam a lógica colonial que, durante muito tempo, reconheceu apenas os saberes legitimados pelas instituições escolares e universitárias.

Nesse sentido, a experiência da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató reafirma a necessidade de fortalecer políticas educacionais comprometidas com a valorização da cultura quilombola, da oralidade, da ancestralidade e das práticas educativas construídas coletivamente pelas comunidades. Reconhecer esses saberes significa ampliar o próprio conceito de educação, compreendendo que ensinar e aprender também acontecem nas conversas, nas memórias, nas relações comunitárias e nos modos de viver produzidos no território.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que Dona Antônia e suas práticas educativas demonstram que a universidade, a escola e os processos de formação docente têm muito a aprender com os sujeitos que constroem, diariamente, outras formas de ensinar e de produzir conhecimentos.

Retomando Manoel de Barros, (1993), este estudo também foi um exercício de “desformar o mundo”. Desformar, neste contexto, significou deslocar o olhar das epistemologias únicas para reconhecer que existem múltiplas formas de produzir ciência, educação e cultura. Significou compreender que a voz de Dona Antônia carrega conhecimentos que não se encontram apenas nos livros, mas nas experiências vividas, na oralidade, na ancestralidade e na história de resistência da Comunidade Quilombola Bela Vista Piató.

Como nos lembra a citação de Mia Couto, que iniciou nossas conclusões, Dona Antônia encontrou esses pontos cardeais muito antes de eles serem discutidos nos espaços acadêmicos. Sua bússola sempre foi o compromisso com sua comunidade; seu mapa, os saberes construídos no território; e seu horizonte, a educação como possibilidade de transformação social.

Por fim, reafirma-se que fortalecer a memória, a cultura e a identidade quilombola é fortalecer também os processos de resistência e de reexistência. Como afirma Souza (2016, p. 74), “Resistir não é somente endurecer e sobreviver, é muito mais que isso, é resistir existindo de maneira nova e coerente com sua história ainda sendo contada”. A história de Dona Antônia continua sendo contada em cada estudante alfabetizado, em cada memória compartilhada e em cada prática educativa que insiste em afirmar que os saberes tradicionais não pertencem ao passado, mas constituem caminhos indispensáveis para a construção de uma educação mais humana, plural, antirracista e socialmente comprometida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda Guimarães; FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Marco Antonio O. Os cotidianos – espaços tempos de resistência e criação. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 1026-38, set./dez., 2019. Disponível em: “<https://docplayer.com.br/184647604-Os-cotidianos-espacostempos-de-resistencia-e-criacao.html>. Acesso em: 20/07/2023.
- BARROS, Manoel. O Livro das Ignorâncias. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003, Seção 1, p. 1.
- _____. Ministério da Educação. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de nov. 2012, Seção 1, p. 26. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18693-educacao-quilombola>. Acesso em: 22/07/2023.
- BISPO, Antônio. A Terra Dá, a Terra Quer. São Paulo: Editora Malê, 2023.
- BISPO, Antônio. (2002). Nego Bispo: O Universo do Artista. São Paulo: Cosac Naify.
- CARRIL, Lourdes De Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2017, vol.22, n.69, pp.539-564. ISSN 1809-449X. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/L9vwgCcgBY6sF4KwMpdYcfK/>. Acesso em: 20/07/2023.

COUTO, Mia. (1992). Terra Sonâmbula. Lisboa: Editorial Caminho.

COUTO, Mia. E se Obama fosse africano? E outras interinvenções. Portugal: Caminho, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Brasil. MEC/SECAD. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. (Coleção Educação Para Todos).

KRENAK, Ailton. (2019). **O futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras.

KLEIMAN, A.; DEL, C. B. R. de. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>. Acesso em 26/07/2023.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1980.

PIMENTA, Selma. G. (2005). **Saberes pedagógicos e ação docente**. São Paulo: Cortez.

SOARES, M. B. (1998). As pesquisas nas áreas específicas influenciando a formação de professores de 1º e 2º graus. Linha D'Água, (13), 33-44. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i13p33-44>. Acesso em: 08/02/2024.

SOTERO, Edilza Correia; PEREIRA, Ilaina Damasceno; SANTOS, Sônia Beatriz dos. Pedagogias negras: o antirracismo, o bem viver e a corporeidade. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 46, 2023. DOI: 10.5216/ia.v46i3.70669.

SOUZA, A. L. S. Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para reeducação das relações raciais na escola. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 67–76, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1908>. Acesso em: 18/07/2023.

PADINHA, M. do S. R. Narrativas orais na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2010.